

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA DE CENSURA

## Higiene Social

### Assistência na Invalidez

Formar a criança para que ela entre na vida activa devidamente armada e equipada para a luta, para o triunfo, é, indiscutivelmente, uma empolgante necessidade, um indeclinável dever social.

Mas se o homem carece de ser assistido nas suas primeiras fases vitais, quando todas as suas energias desabrocham, necessário é também não abandonar quando as forças começam a escassear.

O organismo que atravessou, deparando acidentes de toda a ordem, o seu período áureo de força vital, de aproveitamento social e útil de todo o seu potencial, chega à idade avançada fatalmente depauperado. E assim é que por toda a parte nos aparece o homem envelhecido pelo trabalho, arruinado pelas fadigas, tendo consumido todas as suas reservas activas.

E' no braço potente, a alavanca poderosa em todos os ramos da actividade humana, e especialmente nos de maior dispendio físico, que nós vamos encontrar tantas e tantas vezes a miséria fisiológica, o depauperamento orgânico, a carência dos elementos necessários à vida, quando as faculdades de resistência se sumiram e a possibilidade de luta vantajosa desapareceu.

E assim por toda a parte nos surge o homem decrepito, fatigado, sem mais nada possuir de aproveitável, nos vai contando, entre lágrimas e sorrisos, a sua miséria freme e os actos de valioso aproveitamento social de um passado que nada lhe deixou.

Este homem, que encontramos no trabalhador rural, no artista construtor, no operário fabril e até em outros ramos mais avançados, seja-nos permitido o termo, da actividade económica, foi um ser prestável e útil à sociedade e deu a sua cooperação ao progresso geral. E a sociedade vê-o agora, olha-o com indiferença e passa adiante.

Mas não deve o nosso espírito humanitário, a nossa sensibilidade anímica deixar manter-se este estado de coisas que afinal nos não engrandece nem dignifica perante o concêrto dos povos civilizados.

Aquele que no trabalho de sempre consumiu todas as suas energias e que foi necessariamente útil à colectividade, não conseguindo, pela fatalidade do destino ou por circunstâncias tantas vezes independentes da sua vontade, amealhar reservas bastantes para garantir o pão da sua invalidez merece ser amparado e protegido, dando-se-lhe por processos viáveis aquilo que individualmente não pôde adquirir.

Para isso basta tornar possível ao trabalhador pobre e de recursos diminuídos a possibilidade de constituir o seguro de invalidez que lhe assegure, quando pelo seu trabalho não possa fazê-lo, os meios de subsistência bastante para não ter de recorrer à mendicidade. E esse seguro que deve prever todas as necessidades do segurado, deveria também constituir uma obrigação de todos os que trabalham.

Há muitas profissões que não

auferem salários bastantes para pagamento de grandes cotas e outras há mesmo que pela inconstância do seu trabalho, suspenso e interrompido com frequência, dificilmente conseguem encontrar a possibilidade pecuária para assegurar o desafogo na invalidez. E, preciso é também confessá-lo, a crassa ignorância das massas trabalhadoras, com a sua esmagadora percentagem de analfabetos é também um obstáculo à solução satisfatória deste momentoso problema, obstáculo que urge remover.

E afinal tudo se resolveria com a criação do Seguro da Invalidez, a cargo do Estado, que, qual pai carinhoso, procuraria suprir as insuficiências pecuniárias do segurado.

A. F.

### O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

### Ainda a Tôrre

No fim de contas, o alvorôço levantado ao saber-se da limpeza da formosa *Tôrre da Alfândega* — obra de reconstrução feita nos moldes da engenharia militar do tempo de D. Denis —, foi na verdade um sol de pouca dura e desiludiu quantos a plenos pulmões o sentiram.

Limpos os maiores tufos de verdura, a acreditar no uso e costume, o resto ali se desenvolve ainda, e ficará para a chamada «semente», não vá a *Tôrre* afeiar-se pela falta de tom verde.

Bom seria que, para boa continuidade daquela limpeza, alguém mais chamasse a atenção de quem de direito para aquele estado de coisas, mantendo o brio e orgulho de todos nós.

### Resposta dada?

Está vivo na memória de todos o conteúdo do ofício mandado à Ex.ª Comissão Administrativa da Câmara pela Direcção Executiva Pró-Monumento, após a publicação do relato feito por aquela mesma entidade da entrevista que teve com a Comissão-delegada desta última Direcção, e que até hoje não mereceu sequer a mais leve referência da recepção nas chamadas «sessões camarárias».

Espera que espera, com a inauguração da *pedra* a resposta veio a lume e, como sempre, dada com precisão, conta, péso e medida: o monumento aos Heróis da Grande Guerra, cuja *maquette* fôra trabalhada para a nova Praça Municipal, de futuro não terá ali cabimento, para triunfo da «vingançazinha» que continuará a ser o prazer dos... *deuses*.

Razão tem o nosso amigo e illustre oficial do Exército, sr. Major António de Miranda, quando exclama: — São os *coveiros do Monumento aos Heróis da Grande Guerra!*

E é ver: Largo da Misericórdia, monumento a João Franco; Praça Nova, uma pedra do monumento a Gil Vicente...

— Que fazer-lhe! Se a grossa fatia pertence ao afilhado?

### Medidas a tomar

Em dias de concêrto no *Jardim Público*, quasi se torna impossível o trânsito, pelo aglomerado de gente que estaciona em frente do corêto e pelas

correrias que o rapazio por ali pratica.

Porque não há-de tomar-se providências e evitar aquele cheirinho a próximo que o ajuntório mais acentua?

Calos pisados, encontros e... apalpadelas furtivas.

— Haja decôro e um pouco de á-vontade.

### A Pedra

Afinal, apesar de tanta caixinha, a pedra, a encantada pedra sempre conseguiu ver-se arrumada na Praça dos Novos Paços do Concelho, com foguetes e música e retórica inflamada, sob as vistas de meia dúzia de curiosos que até ali foram certificar-se da verdade, não se abrisse em sonho a promessa feita nos convites da comemoração vicentina ou passasse despercebido o facto.

Desfeito o interesse, poderemos agora dormir a sono solto e sem preocupação de maior, sabido que o local foi escolhido a dedo e que *Mestre Gil* já tem condigno monumento.

Parabéns ao Município e parabéns ao seu illustre ornamento, sr. António Lopes, por terem tido a felicidade de levar por diante um número que honra de sobremaneira a terra e ficará gravado nos anais cidadãos com grandes e fulgurantes letras de ouro.

### A Banda dos Bombeiros

O concêrto realizado no domingo último pela Banda dos nossos Bombeiros Voluntários, no Jardim Público, merece aqui especial referência não só pelo seu significado mas também pelo muito que agradou.

Tratou-se de homenagear o conhecido Chefe de Banda, sr. Capitão Joaquim Jacinto Figueiras, que ora a vem ensaiando, e deu-se início aos festejos de verão que aquela mesma reputada Banda vai levar a efeito, para seu benefício.

Harmonia e primor de execução — o que leva a supor que à *Banda dos Quises* está reservado largo futuro.

E já que consideramos um triunfo a última apresentação da Banda, cumpre-nos aqui destacar o nome daquele que lhe vem dedicando o maior dos carinhos e o mais fervoroso do seu amor: o sr. *António José Pereira de Lima*, a quem a Banda mais deve e que sempre lhe tem prestado o melhor dos concursos.

### A valeta da Barreira de Braga

Ao longo dos muros da Parada dos Bombeiros Voluntários e Quinta do Proposto, as valetas encontram-se num estado tal que, para bem dizer-se, denotam desleixo e incuria.

Bom seria que quem de direito tomasse as devidas providências, especialmente para esta época que é considerada de visita, não vão os *touristes* mal dizer do desagradável aspecto que a entrada da cidade lhes oferece.

### TEATRO CINE PARQUE VIZELA

Empresã A. Pinto (370)

DOMINGO, 13 DE JUNHO DE 1937

A' TARDE E A' NOITE

O Engraçadíssimo filme em Portugal O Grande Nicolau

## Farpas

### Um serão Gilvicentino

Notável, a todos os títulos, o serão Gilvicentino realizado nos dias 8 e 9 na nossa cidade de Guimarães. Notável pela conferência, tam cheia de brilho e tam portuguesa do doutor Afonso Lopes Vieira, notável ainda pelo sarau popular realizado pela Companhia do Teatro Nacional onde pontifica uma alma de Artista do Palco, a sr.ª D. Amélia Rei Colaço. Gil Vicente viveu há já 400 anos. Mas o seu teatro parece ter atravessado intacto os 400 anos decorridos, para nos aparecer hoje, tam flagrante de oportunidade, tam causticante nas suas ironias, queimando, como ferro em brasa, tantos vícios e mazelas dos nossos tempos.

Figura gigantesca, figura prestigiosa da nossa História Literária, dela nos falou com enternecido carinho, a palavra clara e tam suave, tam cheia de encantamento como vibrante de nacionalismo inteligente do doutor Lopes Vieira.

Da sua obra, porque a sua obra só pode ser vivida no palco, deu-nos um reflexo luminoso o conjunto de artistas que veio a Guimarães representar teatro do Mestre dos Aitos.

E esse poeta do povo, na afirmação eloquente do seu génio universal, que melhor compreendeu a alma da Pátria nos distantes tempos em que o oiro da Índia principiava já a preverter os caracteres num amolecimento de energias que gerou o desastre de Alcacer Kibir, e esse Gil dos *Aitos a El-Rey*, aos reis que consubstanciavam a unidade da Raça na melhor das democracias, a Democracia Real, em que os Reis e o Povo se aliavam num anseio maior de liberdade e engrandecimento da Pátria Portuguesa, ressurgiu cheio de esplendor, junto dos muros do Castelo onde nasceu Portugal, e falou à alma do povo nessa admirável *Exortação da Guerra*, código de honra dos portugueses são que querem a Nação próspera e alevantada, falou à alma do povo de Guimarães, apontando-lhe as glórias da Pátria num exemplo de civismo e de portuguesismo que é apanágio do génio da Raça portuguesa.

S. João das Caldas, 10 de Junho de 1937. X. X.

## FOOT-BALL

### Torneio de «Encerramento» sob os auspícios da Federação Portuguesa — O «Académico», do Pôrto, contra o «Vitória»

Depois do retumbante triunfo alcançado pelo nosso grupo representativo do *foot-ball*, no primeiro jôgo deste torneio oficial, em que o Campeão do Distrito de Aveiro foi batido pelo elevado *score* de 10 a 0, os desportistas vimaraneses vão ter ocasião de apreciar, dentro de breves horas, um novo desafio desse torneio, ou seja, o encontro entre o «Vitória» e o «Académico», do Pôrto.

De esperar é que ao grupo local não falte a assistência moral dos seus entusiastas, sabido que esta competição tem

a coroa-la a oferta de uma valiosa Taça e o brio de ser vimaraneses, alcançando assim uma nova auréola de glória para o nosso primeiro Club desportivo que, no começo da época, conquistou tam brilhantemente o titulo de *Campeão Distrital*.

Ao *Benlhevai*, pois! Pelo «Vitória»! Por Guimarães!

## Gazetilha

Digo com toda a amargura que não sei de agricultura, nada sei de plantação, mas para se ver daquilo escusam-se *asas de grilo* e de escutar um sermão.

Enfim, há coisa vulgar que para dar que falar faz-se a gente presumida, e para criar raizes (a quem é que tu o dizes) deita-se-lhe água benzida.

Nisto só não se resume, pois a terra quer estrumar com que se possa adubar, e a terra terá *sessão* com muito meio tostão, poderá frutificar.

E como tudo está mau, quem semear um calhau faz uma obra completa, pois daí poderá vir, depois de séculos fugir, a estátua de algum poeta.

E para ver que é verdade, que há muita sinceridade nesta coisa comezinha, é tomar apontamento com o maior espanto nas páginas da *folhinha*.

Para que não haja enganões, que os compadres mais os manos o atestem com sua jura, e também todo o presente, como sinal evidente, ponha a sua assinatura.

Isto provará então a muito bom cidadão que não crê e faz alarde, o que está previsto já: — a tal planta nascerá dia de São Nunca, à tarde.

Camara Dão.

## Música variada...

### As «Festas Gualterianas», (Breves comentários)

O veterano Correspondente de «O Primeiro de Janeiro», e amigo velho João de Deus fechava a sua correspondência de 5 do corrente mês com o seguinte comentário subordinado ao titulo As «Festas Gualterianas»:

«Entristece-nos profundamente ver que Guimarães contina na sua habitual apatia a respeito das suas tradições «Festas Gualterianas», ao passo que outras terras do País se preparam para realizar, com o maior levantamento possível, as suas Festas...»

O benévolo Correspondente disse a verdade, embora quizesse poupar os principais responsáveis da *tristeza profunda* e da *apatia* a que se referiu. De facto, não há necessidade de acentuar mais uma vez que a não realização das «Festas Gualterianas», foi votada por uma entidade que tem sido infeliz na execução das suas atribuições. Essa infelicidade tem-se reflectido no progresso de Guimarães, porque tudo anda *emperrado* de tal forma, que se chega a gente a convencer de que o bem-estar dos Vimaraneses se encontra *amortalhado* em propostas medidas em lugar destinado às sugestões sujeitas ao estudo de quem só pretende regular a marcha dos seus actos por meio de *travões* solidamente manufacturados e cuidadosamente afinados. O receio de não facilitar a marcha de certos negócios conduz, quasi sempre, a resultados negativos.

No entanto, uma só opinião não pode ir de encontro a outras que partem de cérebros que não são mesquinhos nem obscuros. Quando, em qualquer colectividade, há o cruzamento de braços perante a pretensão de um *só quero* ou de um *só mando*, é regra geral que essa colectividade nada pode produzir, visto que todos se deixam arrastar por

uma opinião, que, sem ser mal intencionada, não corresponde, todavia, ao bem estar da comunidade. Tem-se verificado, quanto a isto, que todas as pessoas que se consideram intangíveis são as que menos serviços prestam. E de resto, temos o exemplo de sua ex.ª o senhor Presidente do Concelho, que não se considera intangível nos seus actos, aceitando a discussão dos mesmos — quando lógica e justa — e não hesitando em aceitar como boas opiniões diferentes da sua desde que elas representem melhor razão de ser.

Por consequência, aqueles que tiverem a veleidade de proceder de modo contrário não se podem dizer bons discipulos de Salazar.

Em qualquer colectividade ou entidade — seja ela qual fôr — não deve haver verbos de encher nem servos de gleba, porque essa circunstância dá como resultado a inutilização de boas vontades e de boas competências, pessoas que se *queimam*, quando é certo que possuem qualidades muito apreciáveis. Afim, amigo João de Deus, o complemento da sua notícia acima referida. Estará de acôrdo?

E' de crer que sim.

### Feiras Francas de S. Gualter

A C. A. do Município, que deliberou não concorrer para as «Festas da Cidade», parece, no entanto, estar disposta a realizar as Feiras Francas de S. Gualter, embora não possa ir além de um modesto programa. Para fazer a vontade daquelas pessoas que dizem que «*mais vale pouco que nada*», está certo. Há também quem goste de *Feiras afestadas*. Enfim, o que seria do amarelo se os góstos não fossem relativos?!

### Condenável excesso de velocidade

Em tempos que já lá vão todos os delinquentes que transgredissem o que a Lei determina sobre excesso de velocidade eram castigados. Hoje, que a mesma Lei existe — ou outra ainda mais rigorosa — abusa-se escandalosamente desse Regulamento, inclusivamente nas principais e mais movimentadas ruas da cidade. Em Guimarães, pelo menos, assim acontece. Ora, como a vida do transeunte não pode estar à mercê da *força poterosa* da gasolina, chama-se para o caso a atenção do zeloso chefe sr. António José Vieira, que, embora não possa fazer milagres em virtude de lutar com a falta de guardas, não deixará de tomar em consideração este apêlo. Todo o *peixe* que cair na rede — mais grãdo ou mais miúdo — deve sofrer as consequências que a Lei determinar. Se o castigo não se fizer sentir, os cemitérios terão de passar para o dôbro.

### A primeira pedra

Realizou-se em 8 do corrente a cerimónia do lançamento da primeira pedra para o monumento a Gil Vicente. Quando será o lançamento da última pedra?

E a propósito devo dizer que não seria menos interessante a notícia de haver verba para esse monumento. No entanto, uma coisa se fica a saber: E' que está escolhido o local destinado às consagrações a Gil Vicente.

### Vontade de espalhar melancolias...

Principiam as Festas de verão no Jardim Público e principiam bem. A banda dos Bombeiros Voluntários desta cidade executou um programa que agradou imenso, sob a regência do autor dos trechos executados — o Maestro sr. Joaquim Jacinto Figueiras, Capitão do exército. O concêrto, que foi primoroso, atraiu ao local muitíssima gente, sendo de lamentar que em frente do corêto *só de avião* se pudesse passar, em virtude de muitos curiosos dali não arredarem um passo. Alguns davam até a impressão de que tinham *pegado de estaca*... E' um hábito que tem de desaparecer, porque não há necessidade de ouvir com os olhos e em posição de sentido. Também não seria desagradável que a ex.ª Câmara mandasse — sobretudo aos domingos, dias de mais movimento — deitar uns *borrifos* de água no jardim, atenuando, assim, a imperitância do pó e até os possíveis prejuizos que o mesmo pode ocasionar.

Depois, então, é que é fazer e espalhar melancolias!...

### O pão embrulhado

Já se dizia que a nova «Postura», sobre a venda e condução do pão de trigo morrera ao nascer. Nada disso. Essa «Postura», entrou definitivamente em vigor, depois de passados oito dias de tolerância. Diz-se que outras me-

didas serão tomadas no sentido de reprimir a falta de higiene. Actos destes só louvores merecem, estando, portanto, em maré de receber felicitações a C. A. do Município e a Comissão de Higiene. O seu a seu dono.

**Pum.**  
P. S.  
Na cerimónia do lançamento da primeira pedra para o monumento a Gil Vicente, o sr. presidente da Câmara pronunciou um discurso alusivo ao acto e ao seu patriótico significado.

### Criticas Pequenas

Quando em 2 do corrente o cemitério dos Prazeres viu a interminável fila de carros a acompanhar a urna de João da Silva Correia e sentiu o deslizar das lágrimas de Amigos e Admiradores, parece que uma onda de comoção atravessou todos os canteiros no seu eloquente silêncio. Toda a Imprensa de Lisboa se fez eco dessa onda agitada e raro se vê tam alto aprêço de um Espírito gentilíssimo que assim é roubado, tam prematuramente, ao Campo da Inteligência.

As primorosas qualidades do ilustre Professor, a sua finíssima acuidade de Filólogo, a sua prestabilidade incomparável, o seu penetrantíssimo sentido de Observador da Linguagem, os estudos formidáveis que espalhou pelas nossas melhores Revistas, o precioso volume dos seus *Reflexos Fisiológicos*, as suas *Notas no Diário de Notícias*, tantas facetas do seu Grande Espírito deixaram na Faculdade de Letras uma lacuna incapaz de ser preenchida.

Faz agora sete anos que um estudo seu — *A Língua Portuguesa* mereceu um justo reparo de Alfredo Pimenta.

João da Silva Correia julgara encontrar em Eugénio de Castro uma forçada deslocação de acento a que a rima o levaria. *Ángelus* seria lido *Angêlus*.

Alfredo Pimenta, na sua preciadíssima secção de *Cultura*, fez ver o equívoco do Filólogo. Era de ver a correcção e a candura com que o Filólogo acatou o reparo do Crítico. Na *Tribuna Livre d'A VOZ* o artigo *Humildade Intelectual* é um dos mais sentidos Poemas de Alfredo Pimenta e talvez a mais alta Homenagem ao Morto queridíssimo.

### Informação para a Imprensa

#### CELEIROS DE TRIGO

Em resultado da Campanha do Trigo, alcançou o nosso país a auto-suficiência, com que se economizou uma saída de ouro de cerca de duzentos mil contos anuais e se valorizou o nosso agro. Dois anos excepcionalmente abundantes tiveram por resultado vir a haver um excedente de produção. Com ele surgiu o problema do armazenamento.

A Federação Nacional dos Produtores de Trigo cabia resolvê-lo em relação áqueles produtores que não possuíam celeiros ou não tinham meios para os construírem. O Governo veio ao encontro dessa necessidade determinando que a industria de moagem mantivesse uma existência permanente de 100.000.000 de quilogramas e autorizou que a Federação contrahisse na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência empréstimos até o valor de 15.000 contos para a construção de celeiros, cobrando para o seu pagamento uma taxa adicional de \$00 (5) por mês e por quilograma de trigo que viesse a armazenar. Autorizou mais que essa construção pudesse ser feita com a participação do Fundo do Desemprego.

Para a execução desta obra foi nomeada uma Comissão Administrativa que, concluídos os seus trabalhos, acaba de publicar o seu relatório e um elucidativo mapa do cadastro e localização dos celeiros. Por esses documentos se mostra que a construção se iniciou em fins de Maio de 1935, começando a entrega á Federação em Agosto do mesmo ano, completando até fins de Novembro desse ano o número de 294 celeiros, e os restantes 6 até Janeiro de 1936, isto é, concluiu-se a obra em 6 meses.

O custo total das edificações, incluindo o seu acesso, foi de 19.375.143\$00, ou seja em média por

cada dos 300 celeiros construídos 64.583\$31.

Cada celeiro custou á Federação 51.885\$80 e ao Fundo do Desemprego 12.728\$01.

Nesta obra empregaram-se 600.000 jornais ao preço médio de 15\$00.

A capacidade total dos 300 celeiros, até ao nível máximo de 2.<sup>m</sup> 5 de altura é de 150.000.000 de quilos de trigo.

A superfície ocupada, compreendendo os respectivos acessos, é de cerca de 20 hectares e meio. Com a compra de terrenos foi dispêndida a quantia de 711.268\$39, ao preço médio por metro quadrado de 4\$40.

A superfície coberta é de 107.712 metros quadrados.

o mapa a que se faz referência menciona várias curiosas notas descritivas das características e pormenores das construções.

Como se mostra pelo relatório, a Comissão, presidida pelo sr. Engenheiro Alvaro de Sousa Rêgo, e de que faziam parte os srs. Rodrigo Severiano do Vale Monteiro, Eduardo Augusto Vaz da Silva e José Pires Cardoso, não se poupou a esforços para vencer as dificuldades que se lhe antepuseram, sendo digno de nota o seu gesto de, com o fim de fazer face a encargos excedentes das provisões, prescindir, ela e os seus colaboradores técnicos, de parte dos seus honorários, evitando por esse meio o reforço de verbas.

#### A Direcção da Associação C. e I. e a Escola Industrial e Comercial

Fomos informados de que a Direcção da Associação C. e I. de Guimarães enviou um penhorante officio ao Sr. Director da nossa Escola Técnica, comunicando-lhe algumas deliberações tomadas em reunião deliberada da Direcção e respeitante á citada Escola. E assim, aquela Direcção resolveu interceder junto do Senhor Ministro da Educação Nacional no sentido de o edificio da Escola ser devidamente reparado e melhor adaptado, outro tanto tendo feito quanto á criação de novos Cursos, com o que muito beneficiaria esta terra. Resolveu também a mesma Direcção contribuir com a quantia de cem escudos para a Caixa Escolar do mesmo estabelecimento de ensino e felicitar o Director e todo o restante Corpo docente pela forma com tem contribuído para o progresso da Escola.

E' digna dos mais sinceros parabens a Direcção da Associação C. e I. Industrial por ter tomado a resolução de pugnar pelo engrandecimento da nossa Escola I. e C., de tanta utilidade desta Terra.

Até que enfim! Quebrou-se o encanto! ... Vamos procurar conseguir a cópia do officio a que nos referimos e publicá-lo-emos, na íntegra, no próximo número.

#### Orfeão de Guimarães

Se todas as Colectividades ou agrupamentos onde se reúnem Classes, ou um número limitado de indivíduos com aspirações á defesa dos seus interesses, regalias ou melhor bem-estar, dentro das suas possibilidades, ou pela defesa dos interesses da sua terra — as chamadas forças vivas — onde labutam e prosperam — são dignas de elogio, admiração e respeito, é esta Colectividade, o «Orfeão de Guimarães», uma das mais dignas de admiração, respeito e simpatia, não só porque serve de escola d'arte a dezenas de rapazes levando-os a cuidar do Belo e a instruir-se, deixando de frequentar casas ou antros de corrupção e vício, como também os incita a levar através das terras do nosso Portugal o nome vetusto de Guimarães, da nossa querida Terra-Natal, o nosso formoso bérço, cantando as saudades, ambições e sonhos dos seus corações jovens e em recordações de sua Mãe, a velhinha *Vimarãis*, tam ingratemente atendida em suas regalias e aspirações.

Assim mesmo, ó mocidade, é que se faz propaganda e se torna respeitado ainda mais o nome da terra onde nasceu Portugal.

Sendo hoje o Orfeão a Colectividade progressiva de Guimarães, tem a sua actual Direcção trabalhado com afinco e entusiasmo, com desvelado e denodado estôrço e para que as almas moças dos seus componentes vibrem de amor pela terra e á arte, e direi moças, porque apenas Suas Ex.<sup>as</sup> os Srs. P.<sup>e</sup> Carlos José Simões e Capitão Duarte Fraga — o presidente e o vice-presidente — são respeitáveis figuras de cavalheiros no nosso meio, em quem as mãs dos seus cabelos revelam que os anos pesam um pouco já, embora sabido que os seus corações são sempre iguais aos dos novos que os acompanham esse bando ditoso de corações abertos ás mais generosas iniciativas.

Rapazes da minha terra: continuai com o mesmo entusiasmo, e cada vez mais o vosso e meu Orfeão se sentirá progredir e impôr-se-á ao respeito de todos os filhos desta nobilíssima Guimarães, e á admiração de Portugal inteiro, enquanto que o nosso Município não se convencer que terá de olhar e auxiliar instituições desta natureza — factores importantes ao progresso de uma Terra.

Ao passar o primeiro aniversário da reorganização do Orfeão de Guimarães (apresentação em público), seja-me permitido destacar alguns no-

mes (sem intuito de melindrar para ninguém) daquelles que muito trabalharam para que já se possa notar a existência cá na velha *Araduca*, daquêle apreciado agrupamento artístico e coral, que á Terra e á Grel trouxe tantas horas de glória.

A Comissão Organizadora: Luis de Moura Nunes, Aurélio de Barros Martins (Ferra) e Bernardino M. Almeida.

Director Artístico: Filinto Nina, a alma do Grupo, temperamento de verdadeiro artista como compositor e maestro.

Auxiliar do regente: António Guise, um vimaranense artista e dedicado á sua Arte.

Domingos Mendes Fernandes, entusiasta do Grupo e um dos mais activos sócios em prol do seu desenvolvimento.

A. B. M.

#### Ainda a visita dos Sapadores do Caminho de Ferro

A Comissão da Festa anual de confraternização dos combatentes do antigo Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, que este ano se realizou na Penha, enviou ao Senhor Presidente da Câmara o seguinte officio:

«Lisboa, 20 de Maio de 1937.

Ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães.

Não encontramos palavras com que exprimir os nossos agradecimentos e tornar conhecida a profunda gratidão que sentimos dever tributar a V. Ex.<sup>a</sup> e ao digno Povo da encantadora Cidade de Guimarães, pela maneira acolhedora e festiva, com que nos recebeu, no dia 2 do corrente, os Combatentes do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro expedicionário á França em 1917, tornando-se crêdores da estima e amizade de todos os Combatentes, no coração dos quais ficou bem gravada uma viva saudade e o desejo de patentear o seu reconhecimento eterno a esse nobre Povo, tão requintado de dotes, nobilíssimos de sentimentos e deveres cívicos.

Queira pois Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente aceitar a expressão sincera da nossa amizade e tornar conhecida a forma como interpretamos o cumprimento do dever».

Movimento durante o mês de Maio de 1937.

Subsidio em dinheiro a 141 pobres, 3.992\$50.

Subsidio em dinheiro para renda de casa a 126 pobres, 1.929\$50.

Albergue — Pernoitaram 187.

Subsidio para transporte aos Inválidos, escudos 68\$00.

Refeições fornecidas a Pobres — Sopas, 9004; Pães, 9004; Pratos, 2.110; copos de vinho, 1.236.

Barbearia — Barbás, 442; corte de cabelos, 119.

Balneário — Banhos, 292; com despiohamento, 26.

Vestuario fornecido — Casacos, 4; Calças, 5; Camisas, 2; Ceroulas, 1; Bonés, 6; Calçado, 4 pares.

Cozinha Económica — Refeições fornecidas a operários — Sopas, 2.260; Pães, 2.259; Pratos, 2.460; Copos de vinho, 816.

Refeições fornecidas aos presos da cadeia, 739.

Accentua-se dia a dia a influencia desta magnifica Instituição, orgulho dos vimaranenses, como pelos mapas juntos se demonstra. Está, porém, longe de atingir o seu máximo desenvolvimento e aperfeiçoamento pela sempre eterna dificuldade financeira que, apesar da boa vontade e do altruísmo de todos os subscritores e benfeitores, continua a impedir o alargamento da sua esfera de acção. Apelamos para todos a quem as circunstâncias o permitam auxiliar esta salutar e eficaz Instituição.

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte:

A Direcção da Casa dos Pobres tem chegado rumores de que um ou outro pobre que recebe benefício de sôpa, se queixa da sua composição.

Como em regra o dizer mal é aceite como uma verdade que se firma e se propaga, muito grato á Direcção da Casa dos Pobres seria que, todos os Senhores Subscritores e mesmo as pessoas que o não sejam, fizessem uma visita a tão útil Instituição em qualquer dia e a qualquer hora; mas para apreciarem a alimentação que aos pobres é distribuída, indica-se que a primeira refeição é das 11 e meia horas ás 12 e meia, e a segunda das 18 e meia ás 19 e meia horas.

Na Casa dos Pobres, aonde a assistência tem aumentado de mês para mês como se pode verificar pelos mapas que mensalmente se publicam, pode afirmar-se sem desmentido, que além do zelo de quem a dirige, há acendrada dedicação pelo bem dos pobres e não é exagero afirmar que não há no País Instituição que mais benefícios prodigalise, dentro dos moldes a que está subordinada.

Mas a Casa dos Pobres não faz ainda o bastante, o que só é possível com o auxílio dos corações generosos, para quem ela apela.

## desporto

### Torneio de Encerramento

Vitória, 10 — A. D. Sanjoanense, O

O Torneio acordado entre os clubs: Académico e o Salgueiros do Porto, A. D. Sanjoanense e o Vitória S. C. patrocinado pela F. P. F. Association, teve a virtude de novamente criar um ambiente de interesse no marasmio fatal em que se vivia. Os grupos lançados á margem das competições máximas normais, arrostaram dificuldades enormes, entalados entre a impossibilidade de conseguir realizar bons encontros com grupos de categoria que satisfizesse o paladar do público, ou efectuar desafios com equipes de some nos valor, em presença duma assistência diminuta que nem para as despesas eventuais da organização a receita da bilheteria cobria. A vida dia a dia se tornava mais difficil e a existência das agremiações de futebol caminhavam apressadas para um fim de augúrio fácil no meio duma apatia geral.

A realização do primeiro encontro do Torneio Vitória-A. D. Sanjoanense, oficialmente tornado publico no dia anterior, não permitiu que o desafio fosse largamente conhecido e o publico que a ele acorreu não foi em número elevado a jubilar os dirigentes do Club local.

O jogo agradou plenamente e se o Vitória era considerado o favorito da partida, a margem de goals por êle conseguido estava fora do alcance dos cálculos melhores intencionados, certo que a marcação coadunava-se perfeitamente com os trâmites do encontro. O grupo de S. João da Madeira possui ainda valor suficiente para atenuar a impressão desastrosa de tão larga posição. Duma tarde má não é circunstância que qualquer grupo esteja imune. Todos os tem, e a do último domingo foi francamente péssima para os visitantes de Benlhevai. A sua actuação desconjuntada na defesa e no ataque consentiu ao adversário o assédio constante que nos 90 minutos foi alvo. O desânimo que de todos se apod'rou mais facilidades ofereceu aos donos da casa, determinando o elevado score no final do jogo assinalado.

Nos momentos iniciais da primeira parte, os sanjoanenses responderam ainda com vivacidade ás investidas dos locais, fazendo realçar todavia uma falta de coesão e sentido de colocação em pormenores distintos. Com frequência corriam dois e três jogadores á bola, embaraçando-se mutuamente, abandonando posições determinantes no bom resultado dum ataque ou na anulação duma avançada adversária. Do meio da primeira parte em diante e no segundo tempo mais accentuaram essa falta e o desnoorteamto consequente, assinala-se nitidamente na diferença da marcação; 3 a 0 nos 45 minutos iniciais e 7 a 0 nos restantes.

O Vitória fez uma boa partida alcançando um triunfo retumbante. Teve fases de jogo esplêndido com excelentes desmarcações, passagens e toques de bola bem realizados, lindos goals, mas também á mistura para variar, algumas falhas e abusos. A defesa segura, tendo Ricoca brilhado no pouco que teve que fazer. A meia defesa teve um homem sem igual, nos 22 sôbre o terreno, José Maria, que em boas condições físicas fez sobressair as suas notáveis qualidades. Zeferino nos primeiros 45 minutos agüentou sem alternativas o andamento inicial da equipe, nos segundos 45, jogou a impulsos e com visível esforço. Lima todo o tempo fraco.

A linha avançada exhibiu uma união exemplar que satisfez e resultou a marcação atingida.

Em conjunto, o team produziu, como já nos referimos, momentos de boa factura de jogo e em ocasiões abusou do toque curto, filigrinando passagens de efeito para a galeria sem grandes virtudes de rendimento. A triangulação com os halves é aceitável quando absolutamente necessária, em oportunidades tais, como livrar-se o jogador da barreira que o adversário lhe faz sem possibilidades de a transpor, mas sempre feita num minimo tempo restrito. O seu uso i-moderado ocasiona atrazos que comprometem o bom êxito da jogada e anula o esforço dispendido pelos outros companheiros da equipe, directamente interessados na acção. Tudo isto se viu em moderadas medidas e portanto, aqui estamos a fazer-lhe os devidos reparos no intento sincero de que algo de proveitoso lhes pode advir.

Foram os chutadores dos goals: Clemente, 4, Pantaleão, 3, Virgilio, 2 e Laureta, 1.

A arbitragem a cargo de Manuel Ramos do C. P. A. boa e própria do jogo disputado. Enérgica sem severidade, conhecida e imparcial. O jogo foi correcto e a expulsão dum jogador visitante foi devida á ameaças proferidas por êste. O penalty que mandou marcar contra a A. Desportiva deve-se somente ao desconhecimento das regras de futebol que dizem: «nenhum jogador pode substituir o guarda-redes sem autorização prévia do árbitro». Foi a falta d'este pormenor aliás importante a razão do penalty assinalado.

Almeida Ferroira.

#### Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

### Nas vésperas de um grande acontecimento Artístico

As festas do nosso Orfeão, nos dias 14 e 21, vão por certo revestir grande brilho

O nosso glorioso grupo coral — o Orfeão de Guimarães que Filinto Nina soube elevar dando-lhe vida, e que um punhado de pessoas de boa-vontade têm sabido acarinhar — vai estar em festa nos dias 14 e 21 do corrente, por motivo das festas da inauguração da sua nova séde e da comemoração do seu aniversário.

Os vimaranenses vão, por certo, aplaudir mais uma vez os simpáticos componentes do nosso primeiro grupo artistico que á cidade de Guimarães deu já e continuará a dar — oxalá que por anos indeterminados, noites de prazer, de verdadeira Arte.

Damos a seguir os programas das duas festas, da que se realiza amanhã para inauguração da nova séde, ao Largo 13 de Fevereiro, e da comemoração do aniversário, sarau que terá lugar no salão do Cine Gil Vicente.

O programa do Sarau que se realiza amanhã, 14, na nova séde, é o seguinte:

**I Parte — Pelo Orfeão de Guimarães:**  
1 — «Hino da Cidade»,  
2 — «Palavras de Abertura», pelo Presidente da Direcção,  
3 — Desencerramento do retrato das Madrinhas do Orfeão ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Teresa Maria Mota Prago de Faria, D. Maria Rita Moura Machado e D. Maria Adelaide Meira Vieira Ramos.

4 — «Hino do Orfeão de Guimarães», — Filinto Nina.  
**II Parte:**  
1 — «Orquestra Vimaranense»,  
2 — «Moda Minhoto», (Armando Leça), canto por D. Alda Fernandes Godinho.  
3 — «Canção Brasileira», por A. F. Araújo.  
4 — «Eu não Gosto», (Salvini), canto por D. Emilia Correia Gomes.  
5 — «Saudades», (Filinto Nina), canto por Lucínio Barbosa de Oliveira.  
6 — «Andorinhas», (Filinto Nina), canto por D. Ana Correia Gomes.  
7 — «Versos», por D. Georgina Barros Silva.  
8 — «Solos de Serrote», por José Soares Moreira.  
9 — «Valsa da Vida Intensa», (Filinto Nina), canto por Miguel Rodrigues.  
10 — «Versos», por Rodrigo de Sousa Félix.  
11 — «Cantigas», (Filinto Nina), solo e côro por D. Emilia Correia Gomes, D. Ana Correia Gomes, D. Alda Fernandes Godinho e D. Georgina Barros Silva.  
12 — «Orquestra Vimaranense».

Sarau no «Gil Vicente», no dia 21:  
**I Parte:**  
1 — «Hino do Orfeão de Guimarães», (Filinto Nina), versos de Jerónimo de Almeida.  
2 — «Trindades», (Filinto Nina), côro mixto a 5 vozes. Versos do sr. Abílio de Mesquita.  
3 — «Noite de Luar», (Filinto Nina), côro mixto a 5 vozes.  
4 — «Modas do Minho», Rapsódia, (Filinto Nina).  
**II Parte:**  
1 — «A Chuva», (Fernando Montinho), canto por Ana Correia Gomes.  
2 — «Canções Brasileiras», por A. F. Araújo.  
3 — «Eu não gosto», (Salvini), canto por Emilia Correia Gomes.  
4 — «Teus olhos», (Filinto Nina), canto por Miguel Rodrigues.  
5 — «Versos», por Rodrigo Sousa Félix.  
6 — «Quimera», (Filinto Nina), canto por Lucínio Barbosa de Oliveira.  
7 — «Cantigas», (Filinto Nina), solo e côro por D. Emilia Correia Gomes, D. Ana Correia Gomes, D. Alda Fernandes Godinho e D. Georgina Barros.  
**III Parte:**  
Representação pela primeira vez da Comédia Regionalista, em 1 acto, do poeta *Delfim de Guimarães*: O SOL DA NOSSA TERRA, musicada sobre motivos minhotos por Filinto Nina.  
**Personagens** — Pai Tónio, Américo Ferreira; José, Miguel Rodrigues; Carlos, Rodrigo Sousa Félix; Pedro, A. Fonseca Ferreira; António, Delfim Mendes de Sousa; Rodrigo, José A. Sousa Pinto; Alberto, A. F. Araújo; Ana Maria, D. Maria Margarida Ribeiro; Rósinha, D. Maria da Luz Ferreira.  
Eucenação do ex.<sup>mo</sup> sr. Capitão Duarte Fraga.  
Colaboração da Orquestra Vimaranense.

**IV Parte — Pelo Orfeão:**  
1 — «Chorando a Cantar», (José Neves), versos de Silva Soares.  
2 — «Avé Maria», (Vitória).  
3 — «Proposição dos Lusíadas», (H. Nascimento), versos de Luís de Camões.  
4 — «Portuguesa», (Hino Nacional), Alfredo Keil.

## Das TAIPAS

Abriu no passado domingo a época termal. E com excelentes auspícios se fez a inauguração, pois já é notável o número de aquistas que se encontram em tratamento.

Também não faltarão as diversões para que juntando o útil ao agradável os nossos visitantes possam encontrar nas maravilhosas águas mineiras e no excelente clima regional a cura das suas lesões físicas e nas inegualáveis belezas naturais, no encanto da paisagem, nos deliciosos passeios o doce lenitivo para as suas agruras morais.

Para este domingo, 13, temos a gincana de bicicletas, organizada pelo Club de Caçadores das Taipas, e a realizar ás 15 horas no seu campo de jogos. E pode-se garantir que não há-de dar por mal empregado o tempo quem vier assistir á festa, porque ela será cheia de interesse e surpresa. São muitos os concorrentes e valiosos os prémios a disputar.

E já que falamos em festas, aí vai um lindo e atraente programa, que actual não está completo, pois há muitas mais coisas a vêr.

E sempre se realiza o jantar de homenagem ao sr. James Lickfold, com acompanhamento de boa música para quem quizer dançar.

Festas e Feiras Francas de S. Pedro

#### PROGRAMA

**Domingo, dia 27** — Grande torneio de tiro aos pombos, organizado pelo Club de Caçadores das Taipas em homenagem ao vencedor da «Taça Portugal», ex.<sup>mo</sup> sr. James Lickfold, com início ás 14 horas prefixas, e com os seguintes prémios:  
1.º — «Taça James Lickfold», e escudos 1.000\$00; 2.º — 500\$00; 3.º — 300\$00; 4.º — 200\$00; 5.º, 6.º e 7.º — Objectos de arte.  
Será também distribuído um lindo prémio pelas senhoras da assistência, e conferida a Miniatura da Taça «James Lickfold», de homenagem a todos os atiradores inscritos.

**Segunda-feira, dia 28, à noite** — Início de concertos musicais e inauguração festiva de todas as cascatas e arraial minhoto com vistosas iluminações, abrihantada pela Banda das Taipas.  
**Terça-feira, 29, dia de S. Pedro** — Alvorada pela Banda das Taipas, que percorrerá a povoação.  
Grandes feiras francas de gado bovino e cavalari e que serão distribuídos, ás juntas de gado melhor classificadas pelo Júri, os seguintes prémios:  
1 de 80\$00, para a melhor junta de bois gordos; 1 de 40\$00, para a melhor junta de bois de trabalho; 1 de 30\$00, para a melhor junta de vacas; 1 de 20\$00, para a melhor junta de touros a dois dentes; 1 de 20\$00 para a melhor vaca leiteira.  
**Às 13 horas** — Marcha pela Banda das Taipas.  
**Às 14 horas** — Entrada na povoação da reputada Banda de Revelhe (Fafe).  
**Das 15 ás 20 horas** — Concerto pelas duas Bandas.  
**Às 21 horas** — Sensacional concerto musical, no Jardim Público, entre as afamadas Bandas de Revelhe e Bombeiros Voluntários das Caldas das Taipas, que se prolongará até ás 2 horas do dia seguinte.  
**Às 23 horas** — Sessão de fogo especial de artifício por dois afamados pirotécnicos.  
Deslumbrantes arraiais e feéricas illuminações.  
Diversões populares.  
Durante esses dias haverá carreiras de camionetes entre Braga, Guimarães, Porto e Póvoa de Lanhoso, a preços reduzidos.  
— Registamos com muito prazer a louvável iniciativa da Junta de Turismo das Taipas, que para providenciar no sentido de fazer desaparecer a ruína desagradável, o barracão em frente ás Termas, já officiou á sua proprietária.  
Mas o tempo vai decorrendo; a época abriu; o officio parece que não surtiu efeito, e o fantasma lá continua a ridicularizar-nos.  
E já que falamos na Junta de Turismo, pedimos licença para solicitar os seus bons esforços e o exercicio da sua boa-vontade e bons desejos do progresso e engrandecimento das nossas lindas Termas.  
Há dois espectáculos degradantes que arreliam e aborrecem todos os visitantes e aquistas.  
São os mendigos impertinentes e o garotio selvagem que cercam todas as pessoas e velucos que por aqui param e circulam, com attitudes incómodas, inconvenientes e incorrectas, as que não faltarão os gestos indecorosos e os palavrões que fariam odiar um sentimento romano.  
Estamos certos que os illustres membros da Junta tomarão as necessárias providências para pôr termo a êstes abusos que nos amesquinham e comprometem.  
Parece ás vezes que estamos numa terra de selvagens primitivos, em lugar de nos aparecer uma encantadora estância de cura e turismo.  
Precisa-se absolutamente do restabelecimento do Posto da Guarda Nacional Republicana.  
**P.**

# Na passagem do IV Centenário de Gil Vicente

## A imponente Comemoração levada a efeito nesta cidade — O lançamento da primeira pedra para o monumento ao grande Português — A sessão solene na Sociedade Martins Sarmento — O Sarau de Arte Vicentina junto ao Castelo de Guimarães.

Foi grandiosa e digna a comemoração levada a efeito nesta cidade pela passagem de mais um século sobre a morte daquele que foi grande entre os maiores vimaranenses de todos os tempos. Os números que compunham o programa foram cumpridos, e há que reconhecer que a nossa Terra — esta agradecida Guimarães — soube dignificar-se e impor-se ao respeito de todo o Portugal culto pela maneira como honrou a memória de um dos mais formosos espíritos nascidos em Terra Portuguesa.

Honra a Guimarães e aos promotores da homenagem!

### O lançamento da 1.ª pedra para o Monumento a Gil Vicente

Pouco depois das 17 horas organizou-se na Câmara Municipal um cortejo em que tomaram parte as autoridades civis, militares e eclesiásticas, diversas pessoas de representação, Academia, instituições beneficentes e algumas colectividades, etc. que, precedido da Banda dos B. V. se dirigiu à Praça Municipal onde, em frente ao edifício dos novos Paços do Concelho, em construção, se procedeu ao lançamento da primeira pedra para o monumento a erigir ao Fundador do Teatro Português. Presidiu ao acto o sr. Presidente da Câmara, secretário do por Mgr. João Ribeiro, Arcipreste e pelo Tenente sr. Artur da Silva Lameiras, Administrador do Concelho. Depois de breves palavras proferidas pelo sr. Presidente, o digno Arcipreste benzeu a pedra e os srs. Capitão Mário Cardoso, presidente da S. M. S., Capitão José Maria de Magalhães e Couto, vice-presidente da Câmara, Tenente Artur da Silva Lameiras, Administrador do Concelho e Tenente Manuel Jesus Rebelo da Cruz, Comandante da G. N. R. lançaram as moedas, e o sr. Presidente do Município a primeira camada de cimento, sendo estas cerimónias coroadas de salvas de foguetes e acordes musicais do Hino da Cidade.

O sr. Dr. Américo Durão, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, fez a leitura do auto, seguindo-se a assinatura do mesmo pelas autoridades e outras pessoas presentes.

O acto é redigido nos seguintes termos:

*«Auto do lançamento da primeira pedra para o Monumento à memória de Gil Vicente, aos 8 de Junho de 1937, ao comemorativo do IV Centenário da sua morte.»*

Aos 8 dias do mês de Junho de mil novecentos e trinta e sete, nesta cidade de Guimarães, se procedeu solenemente ao lançamento da primeira pedra para o Monumento a Gil Vicente, genear criador do Teatro Português, precursor da idade de ouro do Teatro Espanhol, e lavrante maravilhoso das Custódias de Belém — Monumento que vai erigir-se, por iniciativa da Câmara Municipal de Guimarães, para perpetuar a gratidão desta cidade e concelho ao mais alto e glorioso dos seus filhos, — Figura universal que bem merece da Pátria e do Mundo.

Compareceram a este acto o Presidente e Vereadores da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães; Representante do Chefe do Distrito; Representantes do Liceu de Martins Sarmento; Escola Industrial e demais Institutos de ensino; Representantes das Autoridades Civis, Militares e Religiosas do Concelho; A Imprensa; Agremiações Vimaranenses; Representantes das Associações dos Ofícios e das Fábricas do Concelho; Bombeiros Voluntários de Guimarães, Vizela e Taipas; Escolas e Asilos de Infância; Juntas das Freguesias do Concelho; Escoteiros, etc., etc.

E para constar se lavrou o presente Auto, em duplicado, sendo um exemplar para o Arquivo Municipal e outro para o Arquivo da Sociedade de Martins Sarmento, — o qual vai ser assinado pelas Autoridades acima referidas e mais pessoas presentes».

### A Conferência no Salão Nobre da Sociedade M. Sarmento

A noite, pelas 22 horas, teve lugar no Salão de Festas da Sociedade Martins Sarmento a anunciada Conferência do Dr. Afonso Lopes Vieira sobre Gil Vicente.

Como nas festas anteriormente organizadas pela benemerita e ilustre instituição — honra e orgulho da nossa terra — a Conferência sobre o glorioso fundador do Teatro Português atingiu verdadeiro brilho, já pelo valor do alto espírito que nos veio falar do nosso eminente conterrâneo, já pelo que de elegante se reuniu nessa memorável sessão do passado dia 8. A esta festa cultural presidiu o

sr. Dr. António Abranches, que representava o sr. Governador do Distrito por não ter sido possível a sua ex.ª deslocar-se a esta cidade. A secretária-lo estavam o sr. Presidente da Câmara e o sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmento. O sr. Dr. Afonso Lopes Vieira que ocupou o seu lugar, foi muito ovacionado quando deu entrada na sala. Esta estava magnífica de cor e luz. A variedade das toillettes e o ambiente perfumado que se aspirava deliciavam o espírito.

Aberta a sessão, o sr. Capitão Mário Cardoso leu um interessantíssimo trabalho de sua autoria, do qual para aqui trasladamos uma passagem da parte referente ao ilustre poeta:

«Eu devia, propositada e discretamente, calar quaisquer referências ao mérito intelectual do Conferente que teve a inexcusável gentileza de nos honrar com a sua presença nesta Casa, e nesta hora solene. Quaisquer frases de elogio serão talvez inexpressivas, e até de uma frialdade e de um preciosismo intoleráveis, dirigidas a um Homem que tem um nome conhecido e consagrado na Cultura, na Arte, e na Literatura portuguesa contemporânea, e cuja Obra de prosador e de Poeta todos temos o dever de admirar, e ninguém a desculpa de ignorar. Dizendo que veio até nós Afonso Lopes Vieira, para nos dar o apoio moral da sua presença e do seu comunicativo «lusitanismo», e o apoio espiritual da sua inteligência equilibrada, elegante e culta — está dito tudo quanto é preciso.

Não quero porém deixar de acentuar desvanidamente, e quasi com vaidade e orgulho (se estes sentimentos coubessem na minha reconhecida simplicidade), que, de entre os outros estudiosos portugueses de Hoje, nenhum outro mais competente para discursar sobre a Vida e a Obra imortal do Creador do Teatro Português poderíamos ter conseguido trazer aqui, do que sua ex.ª o sr. Dr. Afonso Lopes Vieira. Concorrem neste inúmeras circunstâncias especiais, que o tornam particularmente indicado e apto para nos dar uma lição magnífica e uma invocação incomparável da figura espiritual de Gil Vicente; mas, de entre todas essas superiores aptidões, salienta-se o facto de ter consagrado aos estudos vicentinos uma boa parcela da sua magnífica e patriótica obra de reinterpretação de portugueses em si próprios, isto é — no conhecimento da Pátria e das suas glórias. E, também, o facto de ter sido o Conferente insigne que vamos ter a honra de escutar, de entre os intelectuais portugueses contemporâneos, o primeiro que se devotou à nobre quanto ingrata campanha de tornar o glorioso Dramaturgo e Comediógrafo nacional conhecido dos portugueses de hoje; à difícil quanto ousada campanha de arrancar a Obra vicentina da poeira dos séculos e do esquecimento em que jazia nas estantes dos bibliófilos, ou do campo restrito da crítica erudita, para o tablado dos teatros. Porque, como afirmou, ainda há pouco tempo, o ilustre Poeta — «um teatro só vive quando é representado».

Finda a sua bem elaborada alocução, a qual revela estudo e conhecimentos, a assistência tributou ao sr. Capitão Mário Cardoso merecidos aplausos.

O sr. Dr. Afonso Lopes Vieira inicia, a seguir, a leitura do seu valiosíssimo e fecundo trabalho, e fá-lo de maneira brilhante. Durante uma hora, o seu culto espírito fala-nos do Mestre imortal e trá-lo até nós em visões magníficas. O vastíssimo labor do grande Português é desfiado sabiamente pelo ilustre Conferente. Cita factos curiosísimos, afirma que o Poeta foi, durante 300 anos, quasi esquecido dos portugueses, e lê — lê de maneira admirável — versos do autor dos *Atos a El-Rey*.

Faz exibir projecções referentes a Gil Vicente e dá explicações sobre o seu significado.

E em três frases apenas — três frases admiráveis de verdade e singeleza — define magnificamente o vulto que tanto trabalho tem dado aos homens que dele se têm ocupado para lhe descobrir a biografia:

— Chamou-se Gil Vicente.  
— Era Português.  
— Tornou-se imortal.

Lê ainda um formoso soneto e finda o seu belo trabalho no meio dos aplausos vibrantes e frenéticos que a selecta assistência lhe dispensa.

Para encerrar a sessão levanta-se o sr. Dr. António Abranches.

E sua ex.ª fá-lo admiravelmente. Felicita o Conferente, felicita Guimarães e felicita a Sociedade Martins Sarmento. Diz que o sr. Dr. Afonso Lopes Vieira está em parte compensado pelo seu trabalho, pois ele foi escutado por um distintíssimo auditorio feminino.

Muitas palmas coroaram as suas últimas palavras.

E assim findou a memorável Sessão Solene comemorativa do IV Centenário da Morte do Mestre Gil.

O sr. Dr. Afonso Lopes Vieira inicia, a seguir, a leitura do seu valiosíssimo e fecundo trabalho, e fá-lo de maneira brilhante. Durante uma hora, o seu culto espírito fala-nos do Mestre imortal e trá-lo até nós em visões magníficas. O vastíssimo labor do grande Português é desfiado sabiamente pelo ilustre Conferente. Cita factos curiosísimos, afirma que o Poeta foi, durante 300 anos, quasi esquecido dos portugueses, e lê — lê de maneira admirável — versos do autor dos *Atos a El-Rey*.

Faz exibir projecções referentes a Gil Vicente e dá explicações sobre o seu significado.

E em três frases apenas — três frases admiráveis de verdade e singeleza — define magnificamente o vulto que tanto trabalho tem dado aos homens que dele se têm ocupado para lhe descobrir a biografia:

— Chamou-se Gil Vicente.  
— Era Português.  
— Tornou-se imortal.

Lê ainda um formoso soneto e finda o seu belo trabalho no meio dos aplausos vibrantes e frenéticos que a selecta assistência lhe dispensa.

Para encerrar a sessão levanta-se o sr. Dr. António Abranches.

E sua ex.ª fá-lo admiravelmente. Felicita o Conferente, felicita Guimarães e felicita a Sociedade Martins Sarmento. Diz que o sr. Dr. Afonso Lopes Vieira está em parte compensado pelo seu trabalho, pois ele foi escutado por um distintíssimo auditorio feminino.

Muitas palmas coroaram as suas últimas palavras.

E assim findou a memorável Sessão Solene comemorativa do IV Centenário da Morte do Mestre Gil.

— Chamou-se Gil Vicente.  
— Era Português.  
— Tornou-se imortal.

Lê ainda um formoso soneto e finda o seu belo trabalho no meio dos aplausos vibrantes e frenéticos que a selecta assistência lhe dispensa.

Para encerrar a sessão levanta-se o sr. Dr. António Abranches.

E sua ex.ª fá-lo admiravelmente. Felicita o Conferente, felicita Guimarães e felicita a Sociedade Martins Sarmento. Diz que o sr. Dr. Afonso Lopes Vieira está em parte compensado pelo seu trabalho, pois ele foi escutado por um distintíssimo auditorio feminino.

Muitas palmas coroaram as suas últimas palavras.

E assim findou a memorável Sessão Solene comemorativa do IV Centenário da Morte do Mestre Gil.

— Chamou-se Gil Vicente.  
— Era Português.  
— Tornou-se imortal.

Lê ainda um formoso soneto e finda o seu belo trabalho no meio dos aplausos vibrantes e frenéticos que a selecta assistência lhe dispensa.

Para encerrar a sessão levanta-se o sr. Dr. António Abranches.

E sua ex.ª fá-lo admiravelmente. Felicita o Conferente, felicita Guimarães e felicita a Sociedade Martins Sarmento. Diz que o sr. Dr. Afonso Lopes Vieira está em parte compensado pelo seu trabalho, pois ele foi escutado por um distintíssimo auditorio feminino.

Muitas palmas coroaram as suas últimas palavras.

E assim findou a memorável Sessão Solene comemorativa do IV Centenário da Morte do Mestre Gil.

— Chamou-se Gil Vicente.  
— Era Português.  
— Tornou-se imortal.

Lê ainda um formoso soneto e finda o seu belo trabalho no meio dos aplausos vibrantes e frenéticos que a selecta assistência lhe dispensa.

Para encerrar a sessão levanta-se o sr. Dr. António Abranches.

E sua ex.ª fá-lo admiravelmente. Felicita o Conferente, felicita Guimarães e felicita a Sociedade Martins Sarmento. Diz que o sr. Dr. Afonso Lopes Vieira está em parte compensado pelo seu trabalho, pois ele foi escutado por um distintíssimo auditorio feminino.

Muitas palmas coroaram as suas últimas palavras.

E assim findou a memorável Sessão Solene comemorativa do IV Centenário da Morte do Mestre Gil.

### O espectáculo ao ar livre pela Companhia do Teatro Nacional

No Campo do Salvador (Cano), num cenário esplendoroso da época medieval, tendo por fundo a silhueta forte do nosso soberbo Castelo, realizou-se, na quarta-feira, à noite, a festa evocativa das antigas representações dos autos vicentinos, determinada pelo Ministério da Educação Nacional e levada a efeito pela Companhia do Teatro Nacional, de Lisboa.

O recinto achava-se sobriamente engalanado e a afluência de público foi das mais fartas. Pouco antes da hora marcada para o começo desta representação, a Banda dos Bombeiros Voluntários arruou pela cidade como que a anunciar o notável acontecimento.

Feito o silêncio, o nosso prezado conterrâneo e ilustre homem de Letras, Ex.º Sr. Dr. Eduardo de Almeida, a quem o Ministério da Educação Nacional convidara para dizer duas palavras sobre o significado daquela representação, desce ao tablado e profere em termos de apurado gosto esta breve palestra:

Começa por agradecer a sua Ex.ª o Ministro da Educação Nacional a honra que se dignou conferir a Guimarães fazendo-se representar na Festa pelo Ex.º Governador Civil substituído. E a seguir:

«O velho andazão — a boa obra, mau prólogo: mas, desta feita, as duas palavras, ao iniciar-se a representação dos Autos, serão breves e recolhidas como o acender dos lumes em altar festivo.

Há 435 anos, feitos ontem, a 8 de Junho de 1502, Gil Vicente recitava o vilancico da *Vistação*, na câmara da Rainha, a festejar o nascimento do Príncipe, que foi o nosso D. João III — e como entrava ele no Paço, senão no traje, com rudos modos, para dizer, enternecido mas desempachado, a viril saudação do forte *Vaqueiro* humilde?»

Foi assim, incarnando a alma são e aberta do Povo, que Gil Vicente construiu a primeira obra da nossa literatura dramática — e toda a perdurável literatura dramática é, em essência, popular, porque é a acção dos sentimentos humanos.

Havíamos atingido, pelas Conquistas e Descobrimientos, o chamado período áureo da nossa História — éramos à frente do Mundo, que, por todo o Mundo, se vertera o sangue e a todo se levava o nome alto e claro de Portugal: a Corte era magnificente; Lisboa, senhora dos Mares. E tanto, e tanto, que já nos mordera o estorço das riquezas, nos quebrantava o luxo, e nos adormecia o prazer.

Carregados «de vaidades peçonhentas», «as virtudes foram-se perdendo de dias em dias».

E então que, sem deixar de exaltar tam singular maravilha do nosso Destino, a voz de Gil Vicente, a sua voz em acção poética e dramática, ressoa, alegre e sacudida, pujante e sarcástica, gárrula e bailante, clamorosa de epopeia, plena de saúde, grave de bom senso, grotesca e profunda, chacota e trova, irreverente e impregnada da mais pura e cristianíssima espiritualização, como, também, branda e mansa, amorosa e magoada, na mais espontânea e enternecida, na mais carinhosa e suave expressão de lirismo — toda e a verdadeira alma da nossa alma lusitana.

E' o Povo de Portugal à luz imensa de um génio — e o serrano e o camponês, o pastor, o lavrador e o artista, como a bradarem, ofuscados mas suspensos — Para onde vamos, para onde vamos? — Não se perca nosso Lar, mesmo em troca de tam vasto, o maior poderio, nem se venha a fazer de nós um Portugal-outra e posição.

Esse homem de vida de sombra — porque se ignora sua vida —, tantos séculos depois, por meio da sua obra em acção — essa obra tam milagrosa de Arte que remoca, fresco e vivo o mesmo encanto e o mesmo riso (ides sentir seu encanto e podeis folgar alegremente em seu riso) —, é esse homem que, como filho partido para os mais altos destinos, aqui, junto às muralhas do Castelo, onde amanheceu o dia e o sol de Portugal, hoje enfim regressa ao seu Lar, ao Berço do seu génio imortal.

— Vai começar o Auto Pastoral Português!

As últimas frases pronunciadas, valeram-lhe uma estridente e demorada salva de palmas.

Segue-se a representação feita ao jeito vicentino.

Fortes projectores iluminam o tablado e a luz esmalta o movimento das personagens que, num conjunto harmonioso, vão passando ante os olhos dos espectadores presos da chalaça de Gil Vicente.

Primeiro, a representação do *Auto Pastoral Português*, onde sobressai a figura graciosa de Amélia Rei Colaço, e que teve a sua primeira exibição

em Evora, perante a corte de D. João III. No prólogo deste «auto» faz Mestre Gil alusão à sua pobreza, o que influiu para que o rei lhe concedesse, em 1524, uma tença que depois foi acrescentada para completar o seu antigo ordenado de mestre de balança.

Seguiram-se a encher a 2.ª parte: *Todo o Mundo e Ninguém* — que consideramos a realidade viva do génio vicentino e que deu ensejo a uma soberba interpretação de António Sacramento e Raúl de Carvalho; o *Pranto de Maria Parda*, recitado pela inimitável Adelina Abranches e uma das mais populares composições do *Plauto* Português; a *Exortação da Guerra* que, pela maneira como foi dita por Alvaro de Benamor, atingiu a culminância de hino patriótico e ergueu as almas para a eloquência imortal do período heroico; e a *Tragi-Comédia Pastoral da Beira*, por todos os componentes da Companhia e que, por vezes, produziu hilariedade no público.

Por fim, como 3.ª parte do programa, assistiu-se à representação da *Farsa Inês Pereira*, em derradeiro número. Pouca probidade artística, dicção pouco apropriada e *tam-tam* monocórdico de rimas. Salvo os papéis distribuídos a Raúl de Carvalho e Adelina, o resto deixou muito a desejar. Nem arte nem compreensão do humorismo cômico da *Farsa*.

*Sticotti* diz-nos que a arte do teatro é uma ciência que precisa e carece de estudo como real ciência, e a Companhia do Nacional desfêz-se deste *Auto* conforme pôde. Influência do tempo, que ameaçou pôr os artistas como pintos? Não o procuramos saber. Simplesmente diremos que saímos da representação desta obra vicentina com a desagradável impressão de que, do princípio ao fim, só no tablado passaram *autos pastoris*.

Assim se queimou o que de Gil Vicente é considerado a melhor obra de Teatro e a sua mais perfeita comédia, quer de esboço psicológico quer de análise.

Cumpre-nos dizer, no entretanto, que o público abandonou o Campo do Salvador bem satisfeito, e só há que agradecer ao Ministério da Educação Nacional a grande honra concedida a Guimarães, que, segundo o *Nobiliário* de D. António de Lima, filho de um alcaide-mór desta cidade, se deve ufanar de ter sido o berço do imortal Génio.

E deste arte se viu descer o pano sobre as comemorações vimaranenses do Centenário Vicentino, iniciadas há um ano pelo «Grupo Cômico Mocidade Alegre» que Luís Filipe Coelho dirigiu e Manuel Alves d'Oliveira enriqueceu com o brilho da sua palavra autorizada e sóbria.

### da cidade

#### Semana da tuberculose

A Sub-Comissão Delegada da A. N. T. desta cidade, tendo procedido ao apuramento de contas da venda do emblema na Semana da Tuberculose, verificou que o seu rendimento, deduzidas umas pequenas despesas, foi de 1.191\$000.

Embora esta quantia fôsse diminuta, entendeu esta Sub-Comissão que ela devia pertencer à cidade e, nesse sentido, oficiou à Comissão Executiva da A. N. T. que prontamente acedeu ao pedido, ficando portanto, depositada na Agência do Banco de Barcelos, para constituir a primeira verba destinada à edificação do Dispensário anti-tuberculoso.

O Dinheiro, como se vê, deixou de ir para fora e, por isso, é de esperar que no próximo ano as Senhoras que tam desinteressadamente se dedicaram a esmolar para esta obra de beneficência, continuem a ser bem recebidas por todos e consigam angariar maior quantia para engrossar os fundos destinados ao nosso Dispensário.

Espera esta Sub-Comissão com o auxílio da Ex.ª Câmara Municipal, da Comissão Executiva da A. N. T. e da Caridade Pública, vir, dentro de breve tempo, a construir este estabelecimento de profilaxia social que tanta falta faz num meio como o nosso, onde a percentagem obituária por tuberculose é enorme.

#### Desastre

Por ocasião do lançamento da primeira pedra para o monumento a Gil Vicente, uma vara de um foguete atingiu uma criança que passava no local, ferindo-a bastante, pelo que foi conduzida ao Hospital da Misericórdia.

#### Matadouros Municipais

O movimento durante o mês de Maio foi o seguinte:

Em Guimarães, 52 bois, 161 vitelas, 58 suínos e 518 caprinos.

Em Vizela, 19 bois, 28 vitelas, 11 suínos e 51 caprinos.

Nas Taipas, 8 bois, 8 vitelas, 4 suínos e 90 caprinos.

Fora dos matadouros abateram-se, 1 vitela e 6 suínos.

#### Um grande desastre

Quando andavam a trabalhar, na quinta-feira, nas obras de uma mina, no lugar do Canto, nas proximidades desta cidade, a que anda a proceder o importante industrial, sr. José dos Reis Teixeira, deu-se um desastre na mesma mina, ficando soterrados os

mineiros José de Abreu, casado, de 38 anos, da freguesia de Atães, deste concelho, Francisco Pereira, casado, de 39 anos, da freguesia de Golães, concelho de Fafe e Francellino Soares, casado, de 38 anos, da mesma freguesia. O Soares e o José de Abreu foram salvos, a custo, por pessoas que acorreram ao local imediatamente, ao notarem os seus gritos de socorro e logo conduzidos pelos Bombeiros Voluntários ao Hospital da Misericórdia, não acontecendo o mesmo com o Francisco Pereira que desapareceu vindo a ser encontrado o seu cadáver, após aturados trabalhos, duas horas depois, a uma profundidade de cerca de 15 metros. O cadáver foi removido para a morgue da Misericórdia, após as formalidades legais.

O desventurado Francisco Pereira, bem como os seus companheiros, estava seguro na Companhia «A Social».

A triste ocorrência causou grande consternação, achorando ao local muitas pessoas.

#### A propósito de um incêndio

O ilustre oficial do exército, sr. Coronel Gaspar do Couto Ribeiro Vilas, dirigiu ao Comando dos B. V. de Guimarães a seguinte carta, a propósito do incêndio que há dias se manifestou na sua residência à rua Elias Garcia, como noticiamos:

Bom Amigo

Muito agradeço os valiosos serviços seus e da Benemerita Corporação do seu comando no incêndio de há dias. Pessoalmente agradecerei melhor.

Um grande abraço de amizade e gratidão, que fará o favor de transmitir aos seus rapazes.

Gaspar do C. R. Vilas  
Coronel do Estado-Maior.

#### Aposentação

Foi aposentado o sr. Francisco Félix Guimarães, chefe da Estação da Trofa da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte.

#### Doença súbita

Foi acometido de doença súbita na via pública, José Machado, casado, sapateiro, de 59 anos, da rua Dr. Avelino Germano, que foi conduzido ao Hospital de S. Francisco.

#### Circo Basílio

Segundo nos informam deve fazer a sua estreia nesta cidade, na próxima semana, esta aplaudida companhia de Circo da qual fazem parte, segundo a mesma informação, alguns artistas consagrados.

#### Boletim Elegante

Cónego Alberto da Silva Vasconcelos  
Tem passado ligeiramente incomodado o nosso ilustre amigo, sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, a quem desejamos pronto restabelecimento.

#### Dr. Joaquim Augusto de Barros

Teve a gentileza de vir apresentar nos as suas despedidas o nosso bom amigo sr. dr. Joaquim Augusto de Barros que, tendo sido nomeado Intendente Pecuário em Chaves, abandonou Guimarães, onde soube conquistar simpatias e arreigadas amizades, retirando-se para o Porto, onde vai fazer um breve tirocínio.

O sr. dr. Joaquim Augusto de Barros esforçou-se pelo engrandecimento de Guimarães, a ele se devendo em parte o brilho da última batalha de flores e da Exposição Pe-

## A' última hora Não teremos Teatro?

Quando o nosso jornal se encontrava já paginado e pronto a entrar na máquina, fomos informados de que a C. Administrativa da Câmara que, em 1 de Maio do corrente ano, dirigira ao sr. Bernardino Jordão um offico concebido nestes termos

— «Ao comunicar a V. Ex.ª ter sido deferido o requerimento em que pedem licença para a construção do Teatro, tenho a honra de lhes apresentar os cumprimentos da C. Administrativa desta Câmara pela sua brilhante iniciativa em benefício da Cidade» —,

resolvera enviar-lhe outro, datado de 9 do presente mês e no teor seguinte:

«Em aditamento ao meu offico n.º 193 de 1 de Maio próximo passado (*o offico a que acima se faz referência*), digno-se V. Ex.ª notar que a aprovação do projecto do Teatro cuja construção V. Ex.ª pretende levar a efeito, é dada — como não podia deixar de ser — sob condição de serem observados os regulamentos e posturas municipais e respeitado o alinhamento que a Repartição Técnica desta Câmara indicar. Dado o local onde se pretende fazer a construção o alinhamento só poderá ser o seguido pelos prédios já construídos e as guardas da Avenida, devendo dar-se cumprimento ao n.º 59 do Código de Posturas que proíbe expressamente a construção de degraus, escadarias, rampas e balcões junto às soleiras dos prédios urbanos».

Em face de semelhante atitude, o sr. Bernardino Jordão, que não conhece trocas nem baldrocas, deliberou suspender as obras.

cuária e Agrícola, realizadas nas últimas festas da cidade que Guimarães realizou.

Esforçou-se, também, pela construção dum novo Matadouro nesta cidade e foi incansável na fiscalização dos géneros.

Sentimos, pois, a sua ausencia e, agradecendo a atenção dos seus cumprimentos e das suas palavras amigas — palavras que nos foram dirigidas e a cidade que sempre o bem acolheu, desejamos-lhe as maiores felicidades.

#### Casamento

Conсорciaram-se o sr. José Mendes Ribeiro, filho do sr. José António Ribeiro e de sua esposa, a sr.ª D. Josefa Delfina Pereira, com a sr.ª D. Maria Luísa Amorim, do Porto. Desejamos-lhes muitas felicidades.

#### De visita

Deu-nos há dias o prazer da sua visita o nosso bom amigo e importante proprietário em Nespereira, da casa da Venda Velha, sr. António José de Sousa.

#### Diversas

Passou no dia 12 do corrente, o aniversário natalício do Sr. Amadeu César dos Santos Pinheiro, activo empregado desta praça.

— Esteve nesta cidade, na quinta-feira última, o nosso bom amigo sr. Arnaldo de Sousa Lobo.

— Esteve também nesta Redacção o sr. António José Ribeiro, de Atães.

— Recolheu a um quarto particular do Hospital da Trindade, do Porto, bastante incomodado, o nosso presado amigo e importante proprietário, sr. Joaquim Lindoso, a quem desejamos rápidas melhoras.

#### Parabens

Dámos-lho ao menino João Alberto Pimenta pela passagem do seu aniversário natalício, bem como a seus pais o nosso presado amigo e importante industrial sr. António Pimenta e sua ex.ª esposa.

#### Vida Católica

##### «Ronda da Lapinha»

Com a imponentia dos anos anteriores deve realizar-se no próximo domingo a tradicional «Ronda da Lapinha» que deve chegar à igreja de N. S.ª da Oliveira ao principio da tarde.

##### Processão de Velas

Num dos últimos dias deste mês vai realizar-se uma imponente festividade no tempo de S. Dâmaso, com uma magestosa procissão de velas que percorrerá algumas ruas da cidade.

##### Santo António

Em honra de Santo António haverá hoje solenidades nas capelas da V. O. T. de S. Domingos e nos Capuchos, na igreja da V. O. T. de S. Francisco e na capela privativa do Palacete das Lameiras.

#### Dos Livros. Dos Jornais.

«Estrêla do Minho» e «Noticias de Famalicão» — Estes nossos ilustres colegas que se publicam na vizinha e progressiva Vila de Famalicão, publicaram interessantes números especiais, por ocasião das Festas do Trabalho, realizadas na mesma Vila no dia 1.º de Maio.

«O Povo de Penafiel» — Também este nosso distinto colega que se publica na Cidade de Penafiel publicou um grande número, a cores e ilustrado, dedicado às Festas da Cidade ou Festas do Corpo de Deus.

### Câmara Municipal

(Retardado)

Numa das últimas sessões a C. A. autorizou o sr. presidente a celebrar o contrato de arrendamento de uns salões destinados à Escola Primária da freguesia de Serzedelo, resolvendo mais: pôr em hasta pública 7 varandas de ferro, ao preço de 1\$75 o quilo, um lote de ferro fundido, ao preço de \$30 o quilo, um lote de ferro forjado, ao preço de \$10 o quilo, bem como uns tubos de grés que se encontram no Convento das Dominicãs e tem de diâmetro, 0,10 centímetros, ao preço de \$25 o metro.

**Venda e condução de pão** — No dia 1 de Junho entra em vigor a nova postura Municipal sobre a venda e condução de pão.

A C. A. em sua última sessão resolveu: — aplicar o disposto no Art.º 604 e seu § do Código Administrativo que se refere à aplicação da colecta de cinco décimos por mil sobre o valor material dos prédios ou de recheio determinado pela aplicação do factor dez ao total das colectas da contribuição industrial ou imposto profissional, para o serviço de incêndios, sendo esta deliberação tomada para ter execução depois de aprovada pelo concelho municipal; pedir a isenção do pagamento da sisa ou contribuição de registo por título oneroso para as expropriações necessárias à continuação e alargamento da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

A C. A. em sua sessão de 4 tomou conhecimento da seguinte exposição apresentada pelo vereador sr. A. L. de Carvalho:

**Folclorismo** — Guimarães fez-se representar no Cortejo Folclórico de Lisboa não só por um casal — homem e mulher — dos nossos campos, mas por uma festada composta de 30 figuras. O casal vestindo a rigora e ao modo tradicional, obteve do júri um prémio. O traje foi mandado confeccionar pela Câmara e constitui propriedade da mesma. A festada igualmente obteve um prémio, nenhuma despesa trazendo à Câmara a sua apresentação no certamen de Lisboa, por pertencer a iniciativa da sua apresentação na notável Parada de Lisboa ao autor desta comunicação. É este facto de pleno êxito, levando a insistir na necessidade de promover a organização de um grupo coral onde se organize o aperfeiçoamento e a manutenção dos costumes do povo agrícola, na parte respeitante à indumentária, ao cançãoeiro musical e coreográfico, mantendo-se por essa maneira as características do seu modo de vestir, de cantar e de dançar, tão genuinamente regionais.

Uma parte dos grupos apresentados no cortejo Folclórico de Lisboa sofria de falta de originalidade e de uma rigorosa observância dos processos mais próprios para radicar no povo, os seus costumes, vingando-se assim os objectivos culturais que a Emissora Nacional preconizou e os etnógrafos portugueses almejam.

Obedecendo rigorosamente a tal pensamento, a Festada de Guimarães e o seu Casal, respeitaram estes pontos de vista:

- a) Todos os componentes vieram da lavoura e nela vivem;
  - b) O traje não foi, nem a estilização do actual figurino, nem a longínqua resurreição de velhos usos;
  - c) As danças, a instrumentação, os cantares, não sofreram adulterações teatrais.
- Torna-se, porém, mister amparar esta obra cultural de gesto popular, promovendo uma acção orgânica que, sendo escola de aperfeiçoamento, ao mesmo tempo se radica e não descaracterise. Com estes fundamentos, proponho:
- 1.º — Que no próximo orçamento se vote a verba necessária para vestir os componentes de uma festada;
  - 2.º — Que se conceda um subsídio mensal de 100\$00 a um grupo, com sede na Associação dos Lavradores Caseiros, destinado às despesas da sua própria manutenção;
  - 3.º — Que o Vereador da Cultura, de acordo com a referida Associação estude um regulamento para o bom e regular funcionamento do citado grupo, elevando-o à altura de poder ser, no meio rural, Escola prática de folclore Vimaranes.

A C. A. autorizou, ainda, o pagamento de 35.000\$00 aos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Em sessão a C. A. da Câmara deliberou: Proceder ao arrendamento em hasta pública, de parte da construção feita ao centro do Mercado de Vizela, sendo a base de licitação de 50\$00; autorizar o pagamento de 210\$00 à Direcção do Instituto de Oftalmologia — Dr. Gama Pinto, correspondente ao tratamento de Rosa Peixoto, no referido Instituto; autorizar o pagamento de 100\$00 à Irmandade de N. S. da Oliveira, desta cidade, correspondente ao capital da obrigação n.º 105-1.ª série, do empréstimo de Viação, em virtude da autorização n.º 1135, de 1936, respectiva, não ter sido recebida oportunamente; intimar o proprietário Custódio Pereira, do lugar de Lemos, freguesia de Ferventões, a repôr o caminho que dá serventia ao referido lugar e a outras freguesias, no seu estado primitivo, e auto-lo, por ter feito obras sem a respectiva licença; autorizar o pagamento de 480\$00 à Junta de Freguesia de Santa Maria de Souto, por conta do rendimento do Imposto de Trabalho cobrado àquela freguesia, relativo ao ano de 1936.

**Francisco Pinto Rodrigues**  
Advogado  
R. Gravador Molarinho — Guimarães  
TELEFONE 172

### Alfaiataria com Fazendas

de

## RIBEIRO, FILHO

LARGO JOÃO FRANCO

O seu proprietário participa aos seus Ex.  
Clientes que tem continuado a receber artigos da mais alta novidade para a estação de verão.  
Sempre os mais modernos padrões e os melhores preços! (369)



## A BRASILEIRA

Casa especial de café do Brasil e Pastelaria

61, Rua de Sá da Bandeira, 91

Telefones 379 e 405

PORTO

Vende-o em Guimarães:

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

(216)

Praça D. Afonso Henriques, 70

### FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

#### Secundino Alves Viana

Faleceu no domingo passado, após dolorosos sofrimentos, o sr. Secundino Alves Viana, empregado do Liceu de Martins Sarmento, pai dos srs. António Plácido e Lucílio Alves Viana, tio dos srs. Tenente Coronel António Alves Vianna, 2.º Comandante de Infantaria 3 de Viana do Castelo, Tenente da G. N. R. José Alves Viana, Tenente reformado, Henrique Fonseca, secretário da Câmara Municipal de Viana do Castelo e José Alves Viana, residente em Lourenço Marques, e cunhado dos srs. Joaquim Manuel e José Plácido Pereira.

O seu funeral realizou-se na tarde de segunda-feira, da residência do finado para o Cemitério Municipal, tendo-se incorporado no préstito os professores do Liceu, Academia vimaranense, muitos amigos do extinto e de sua família, etc.

Na capela do Cemitério Municipal realizaram-se os respectivos funerais, tendo sido entregue a chave do caixão ao Vice-Reitor do Liceu Martins Sarmento, sr. dr. Aventino Lopes de Faria.

A toda a família enlutada apresentamos condolências.

De luto

Pelo falecimento de sua sogra ocorrido há dias em Santo Tirso, encontra-se de luto o nosso amigo, sr. João Afonso Mendes Ribeiro, a quem cumprimentamos.

### Festas de Verão no Jardim Público

Iniciaram-se no domingo passado, oficialmente, as festas de verão no Jardim Público as quais vão ali realizar-se até ao fim de Setembro, a favor da Banda dos Bombeiros Voluntários. Na tarde deste dia a Banda prestou uma significativa homenagem de gratidão ao ilustre Maestro Capitão Joaquim Jacinto Figueiras, desfilando a sua fotografia na casa de ensaios, tendo discursado neste acto o sr. António Guise.

A noite realizou-se no Jardim Pú-

blico o concerto sob a regência daquêle Maestro, que havia sido convidado, como noticiamos, para dirigir o concerto. A concorrência ao recinto foi numerosa, não se podendo por vezes ali transitar. O concerto foi primoroso, motivo porque várias composições foram coroadas com salvas de palmas dos apreciadores da boa música.

No intervalo do concerto foi entregue àquêle Maestro, em nome da Banda, por um grupo de gentis damas, composto pelas srs.ªs D. Maria Emilia de Jesus Teixeira, D. Maria do Sacramento Castro Ferreira e D. Maria Fernanda Castro Ferreira, um formoso ramo de cravos naturais.

Acaba de dar a sua adesão à Comissão Organizadora das Festas de Verão o «Rancho Típico de Paranhos» assim como um quarteto de guitarristas vimaranenses organizado pelo exímio guitarrista sr. Albino Mendes Ribeiro que iniciaram já e vão continuar as suas audições semanais de fados e canções portuguesas, ao microfone da cabine sonora, fazendo parte do mesmo grupo o distinto tenor vimaranense sr. Lucínio Barbosa de Oliveira.

Hoje, faz-se ouvir no Jardim Público, das 22 às 24 horas, a excelente Banda do Pevidém que apresentará o seguinte e atraente programa:

#### 1.ª PARTE:

1.º, Marcha Popular, XXX; 2.º, Rienze, Wagner; 3.º, Cavalaria Rusticana, Mascagni; 4.º, Saúde, A. F. do Vale; 5.º, Tosca, Pucini.

#### 2.ª PARTE:

6.º, Parade de Prata, A. R. Dantas; 7.º, Katuska, Forosabal; 8.º, Marcha das 10 lâminas, A. F. do Vale.

Atendendo às obras que compõem o programa é de esperar uma enorme concorrência ao local.

### A M A

Do primeiro leite, nova e saudável, oferece-se. Dão-se referências nesta Redacção. (372)

### Festas e Romarias

#### Grande Romaria de S. Torcato em 3 e 4 de Julho

Nos dias 3 e 4 de Julho realiza-se, em S. Torcato, como já noticiamos e conforme está sendo anunciado por programas distribuídos por todas as terras do país e pelas emissões diárias das Emissoras portuguesas, a Grande Romaria de S. Torcato, incontestavelmente a maior do Minho e uma das maiores de Portugal, que a esta cidade costuma atrair, todos os anos, milhares e milhares de pessoas vindas de todos os recantos de Portugal, desde o Norte ao Sul.

Este ano a Romaria será engrandecida com suntuosas decorações e iluminações, sendo estas eléctricas e compostas por cerca de 30.000 lâmpadas.

Já se encontram contratadas seis das melhores bandas civis do Norte do País, assim como os reputados pirotécnicos da Ponte da Barca, Lanhelas, etc., que em sucessivas sessões, mortrarão, na noite de domingo, 4, aos milhares deromeiros, as mais sensacionais surpresas da arte da pirotecnia.

As solenidades religiosas e dum modo especial a majestosa Procissão com os carros triunfais, prometem atingir, também, grande imponência. A mês da Irmandade de S. Torcato, não se tem poupado a esforços nem despesas, para que a Romaria continue a garantir a sua grande fama.

#### Festas a Santa Catarina

Realizam-se hoje, na Penha, conforme programa que publicamos no nosso último número, os festejos promovidos pelos Caçadores de Guimarães, em honra de Santa Catarina os quais já se iniciaram ontem com um concerto no Jardim Público e iluminação e fôgo de artifício na Montanha. Hoje haverá: alvorada, solenidades religiosas, Grande Torneio de Tiro aos Pombos, com valiosos prémios, Jantar de Confraternização e arraial em que toma parte a banda dos Bombeiros Voluntários.

Lêde e propagal o «Notícias de Guimarães».

As jóias da Ourivesaria Ancora são de requintado bom gosto, execução primorosa e perfeita sem limites, porque para a Ourivesaria Ancora trabalham os melhores artistas portugueses.

**Ourivesaria Ancora**  
Rua 31 de Janeiro, 21 a  
TELEFONE, 6078 — PORTO.

## Banco de Barcelos

Fundado em 1875

### Agência de Guimarães

Largo do Tournal

(Instalações da antiga Secção Bancária da firma SOUSA JÚNIOR, SUCRS.)

Depósito à Ordem e a Praso, Descontos, Transferências, Saques, Compra e Venda de Papeis de Crédito e Cupões, Cobrança de Juros e de Dividendos. (249)

Tôdas as operações bancárias permitidas por lei.

TELEFONES { BARCELOS N.º 31  
GUIMARÃIS " 60

## PÓ CAFFARO

Emprega-se na preparação da CALDA CAFFARO contra o Míldio em substituição do Sulfato de Cobre e da cal, com muito maior eficácia e muito maior simplicidade de aplicação e de preparação.

Economizem pois, tempo e dinheiro. (346)

Peçam todos os esclarecimentos a:

FASSIO, LIMITADA

FIGUEIREDO, PINTO & C.ª

CASA FERRO

Praça da Liberdade, 53-1.º

Rua da República, 34

PORTO

GUIMARÃIS

## OMNIA RÁDIO

Reparações em tôdas as marcas de Rádio-receptores, amplificadores, emissores.

ORÇAMENTOS.

Verificação de valvulas e consultas grátis.

## Rocha Saraiva

TÉCNICO DA ARMADA

Ex-chefe do Service Philips no Norte.

Amador Emissor CTIJS.

Rua Fernandes Tomás, 971 (à Trindade)

TELEFONE, 7992

PORTO

### Excursões

Restauradores do 1.º de Dezembro, do Porto.

#### Grupo Coral Sacro de S. José, do Candal, Vila Nova de Gaia

Este agrupamento musical visitou esta cidade no passado domingo 6, em homenagem ao seu director artístico maestro Filinto Nina, onde almoçaram em confraternização no Restaurante Teixeira Mendes. Ao Porto d'Honra, foram feitos pelo corpo directivo do referido grupo vários brindes de felicitações ao Maestro Filinto Nina, grupo coral de S. José de Gaia e Orfeão de Guimarães. A convite do Maestro e Direcção do Orfeão, foi visitado pelo referido grupo a nova sede daquêle apreciado agrupamento coral, tendo nessa ocasião usado da palavra um dos membros do grupo visitante, sr. José Ferreira da Luz, que depois de apresentar cumprimentos ao Orfeão de Guimarães, fez elogiosas referências à conhecida competência do Maestro Filinto Nina, terminando por felicitar todos os componentes do referido Orfeão, desejando uma vida cheia de progressos que dignifiquem a Arte e a Cidade que foi bérço da nossa nacionalidade. Em nome do Orfeão, agradeceu o componente do mesmo, sr. José Soares Moreira, no final foi tirada uma fotografia do referido grupo e elementos do Orfeão.

A Direcção do Grupo Coral Sacro de S. José, que tem por Director Artístico o professor Filinto Nina, e composta pelos srs. José Oliveira Júnior, José Ferreira da Luz e Diogo Freitas.

#### Grupo Sempre Fixe de Gervide

Este grupo Turístico, de V. N. de Gaia, tendo feito uma digressão, em 6 caminhetas, pelas principais terras do Minho, visitou Guimarães, no domingo passado, prestando homenagem ao Fundador da Nacionalidade junto ao seu Monumento.

#### Grupo dos Restauradores do 1.º de Dezembro

Também nos visitou no domingo, entre outras excursões o «Grupo dos

#### Escola Industrial Oliveira de Azemeis

Chegaram na 2.ª feira, ao princípio da noite a esta cidade, acompanhados por alguns professores, os alunos da Escola Industrial e Comercial «Comércio do Porto» de Oliveira de Azemeis, que foram recebidos na nossa Escola Industrial e Comercial, onde se realizou a sessão de boas vindas, seguida de uma interessante festa onde confraternizaram os alunos de ambos os estabelecimentos de ensino, terminando aquela reunião às primeiras horas da madrugada.

#### Escola Industrial e Comercial

Os alunos da Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda» desta cidade, realizam o seu passeio anual de estudo no próximo domingo, dia 20, à Cidade de Viana, sendo acompanhados por alguns professores.

#### Instituto Feminino de Educação e Trabalho

Acompanhados pelos seus professores e professoras visitaram ante-ontem esta cidade, fazendo-se transportar em 5 grandes caminhetas, as alunas deste modelar estabelecimento de ensino de Odvelas, que aqui chegaram às 10 horas da manhã, prestando logo após a chegada uma patriótica homenagem ao fundador da Nacionalidade, junto ao seu monumento na Praça de D. Afonso Henriques, após o que visitaram a S. M. S., Museu Alberto Sampaio, Paços dos Duques de Bragança e Castelo, seguindo depois para a Penha.

#### Outras excursões

Durante a semana finda, estiveram em Guimarães, numerosas excursões — colégios, grupos recreativos, etc. de vários pontos do país, que percorreram os nossos monumentos.

Assinar o «Notícias de Guimarães», é dever dos vimaranenses